



# Brasil

## Estoril Political Forum 2013

É impossível fugir àquelas imagens de S. Paulo, e do Rio, e de outras cidades brasileiras que ocuparam as atenções mundiais nos últimos dias.

**A**ntes de mais, permitam-me saudar o painel desta tarde presidido pela dra. Zita Seabra – não apenas porque ele é constituído por reputados economistas brasileiros mas porque os mesmos demonstram um inacreditável *fair play* ao permitirem que um português possa estar aqui infiltrado para comentar o Brasil.

Espero honestamente que me perdoem – e em minha defesa só posso dizer duas coisas: em primeiro lugar, que o facto de trabalhar há quase uma década para o Brasil (desde 2005) me faz sentir cada vez mais uma espécie de cidadão honorário daquele país. E, em segundo lugar, que eu sou a prova viva de que não devemos confiar demasiadamente nos cientistas políticos.

Há dois anos eu estive neste mesmo espaço para apresentar uma visão mais optimista do Brasil moderno – o “país do futuro”, como lhe chamou o escritor Stefan Zweig, que era finalmente o “país do presente”. Claro que alguns amigos brasileiros, sempre que eu falava de Stefan Zweig, replicavam imediatamente: “Mas você sabe que Stefan Zweig suicidou-se no Brasil?”. Seja como for, eu sentia-me tão confiante no “país do fu-



POR  
**João Pereira  
Coutinho**

Professor do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa

turo” que, quando me disseram que iria falar – vos novamente sobre o Brasil, comecei imediatamente a autoplagiar-me e a escrever uma vez mais todas as razões pelas quais o Brasil era um caso de sucesso. E quando me perguntavam “Estás a ver estas imagens de S. Paulo?”, eu só dizia: agora não posso, estou a escrever a minha comunicação para o Estoril.

Mas é impossível fugir àquelas imagens de S. Paulo, e do Rio, e de outras cidades brasileiras que ocuparam as atenções mundiais nos últimos dias. Eu não irei fugir a elas até porque, mesmo pelos padrões brasileiros, aquelas imagens são particularmente impressionantes.

Digo “pelos padrões brasileiros” porque o Brasil sempre teve uma tradição de manifestações de rua incomparável com qualquer país europeu. Como lembrava recentemente a analista Kathryn Hochstetler na *Foreign Affairs*, “há três décadas, um milhão de pessoas exigiu eleições

directas. Há duas décadas, mais de um milhão marchou triunfantemente para exigir o *impeachment* do Presidente Fernando Collor de Mello por corrupção.”

Mas porque marcham os brasileiros, hoje? Arrisco uma resposta: porque parece haver uma intolerância maior da sociedade brasileira em aceitar um difuso “estado de coisas” que vai da economia à desigualdade social, da corrupção à insegurança. E isso não é necessariamente uma má notícia.

Quando aqui estive há dois anos – e esta é a parte em que eu começo a defender o meu optimismo passado – o presidente Lula tinha acabado o seu último mandato e o Brasil era um caso de sucesso, apesar de todos os insucessos. Sim, o Brasil continuava a ter 50 mil homicídios por ano; sim, o governo Lula surgia envolvido num dos piores escândalos de corrupção da história democrática do país (o famoso “mensalão”); sim, o Brasil não surgia bem posicionado no Índice de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas.

Mas, ao mesmo tempo, o Brasil era uma das maiores economias do mundo, com um crescimento económico vigoroso, a inflação sob controlo e, convém não esquecer, 40 milhões de pessoas resgatadas da pobreza.

O que é que se passou nestes dois anos? O que se passou é que o mundo





Lucas Cassiano, Fernando Ulrich, Zita Seabra, João Pereira Coutinho

mudou e o Brasil parece não ter mudado assim tanto. Quase todos os analistas reconhecem que o crescimento brasileiro dos anos Lula beneficiou grandemente de uma década de crescimento da economia mundial – e o Brasil foi, neste capítulo, o fornecedor por excelência de economias emergentes como a chinesa. O arrefecimento da economia mundial teve impacto imediato no “pibão grandão” que a presidente Dilma Rousseff esperava obter no seu primeiro mandato (qualquer coisa como 6% ao ano; sabemos hoje que o Brasil, em 2012, não chegou a 1%).

Mas esse arrefecimento acabou por revelar também as várias fragilidades de uma economia que não parece ter aproveitado o crescimento económico da década anterior para empreender as reformas necessárias. Deixarei essas reformas (ou, melhor dizendo, essas não-reformas) para os meus colegas de painel, que nestas matérias estão mais bem preparados do que eu. Fico-me apenas pelas mais gritantes. A burocracia excessiva ocupa sem dúvidas o topo de qualquer lista; mas será preciso juntar também a falta de competitividade da economia do país; a pobreza das suas infraestruturas; e, claro, a corrupção e a insegurança.

Eça de Queirós costumava dizer, com a sua inconfundível ironia, que os brasileiros eram portugueses inchados pelo calor. Existem duas formas de olhar para esta frase.



**Quer isto dizer que, dois anos depois do meu optimismo, o “país do futuro” de que falava Stefan Zweig, voltou a ser o “país do passado”?**

A primeira é afirmar que os brasileiros têm as virtudes dos portugueses numa escala continental (o que é admirável e um dos motivos pelos quais me sinto sempre em casa quando estou no Brasil). Mas quem fala em virtudes, fala também em vícios – e não deixa de ser inquietante ver no Brasil a repetição de erros nossos, erros portugueses, que aliás levaram Portugal à situação económica em que hoje se encontra.

Numa explicação muito breve, a crise portuguesa nasceu de um excesso de endividamento que, em 2011, apresentava uma dívida externa bruta total que ultrapassava os 240% do PIB. Essa escada de endividamento foi alimentada por duas combinações letais que também

participam dos bloqueios brasileiros: por um lado, os juros baixos que a participação no euro proporcionou; e, por outro, uma década perdida de crescimento medíocre. Para que a comparação seja perfeita, nem sequer faltam os nossos 10 estádios de futebol para a Eurocopa, muito deles hoje sem préstimo. Costuma dizer-se que o verdadeiro sábio é aquele que aprende com os próprios erros. Eu prefiro acreditar que mais sábio é aquele que aprende com os erros dos outros.

Quer isto dizer que, dois anos depois do meu optimismo, o “país do futuro” de que falava Stefan Zweig, voltou a ser o “país do passado”? Não sejamos tão pessimistas, até porque o excesso de pessimismo, tal como o excesso de optimismo, costuma dar maus resultados. Se o Brasil se confronta hoje com problemas económicos sérios (mas não inultrapassáveis), convém reafirmar aqui que, politicamente, o Brasil continua a ser a mais promissora das potências emergentes. Porque nem tudo pode ser resumido ao chicote da economia. O Brasil é hoje uma democracia pluralista e consolidada; ler a imprensa brasileira, a começar pela paulistana, é encontrar a mais vibrante cultura de debate livre que conheço no mundo lusófono.

Adicionalmente, estes dois anos de Dilma Rousseff trouxeram ao Palácio do Planalto uma importantíssima inversão da sua política externa. Longe parecem ir os tempos em que o Brasil tratava o presidente iraniano como “o companheiro Ahmadinejad”. Longe vão os tempos em que o Brasil firmava uma aliança com a Turquia para enriquecer urânio iraniano. Longe vão os tempos em que Lula desvalorizava (e estou a usar um eufemismo) a situação de opressão vivida em Cuba.

Dilma Rousseff tem mantido uma distância prudente, não apenas em relação a estados como o Irão ou a Coreia do Norte – mas mesmo em relação à vizinha Venezuela. Se o lugar de membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas continuar a escapar ao Brasil, não será pela sua fraqueza diplomática; ironicamente, será pela sua actual fraqueza económica. A ordem dos factores inverteu-se nos dois últimos anos.

O que me leva a pensar nos próximos dois anos: se, em 2015, nos voltarmos a encontrar aqui no Estoril, só desejo que o meu pessimismo moderado de 2013 seja tão passageiro e erróneo como o optimismo de 2011. ■

